

A interseccionalidade no podcast *Papo de Política*: uma análise dos episódios durante a pré-campanha presidencial de 2022¹

Fabrine BARTZ²

Deivison Moacir Cezar de CAMPOS³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

A pesquisa adota a perspectiva interseccional defendida por Collins (2020) e Akotirene (2019) para refletir o podcast *Papo de Política* - um programa do G1 apresentado pelas jornalistas da Rede Globo, Andréia Sadi, Julia Duailibi, Maria Júlia Coutinho e Natuza Nery. Por meio da Análise de Conteúdo e das táticas da interseccionalidade como uma teoria crítica em construção, a pesquisa identifica como os episódios #119: *A carta e o isolamento do presidente* e #91: *Sobrevivência eleitoral* se diferenciam entre si, levando em consideração que ambos são apresentados por mulheres e abordam o cenário político do Brasil durante a pré-campanha eleitoral de 2022. Embora o programa seja realizado fora da grade aberta da emissora e seja direcionado para pessoas da classe alta, a estrutura do podcast possui características interseccionais, principalmente marcadas pelas pautas de gênero.

Palavras-Chave: Interseccionalidade; jornalismo; podcast; política, gênero.

INTRODUÇÃO

No período de um ano, mais de 40% dos brasileiros escutaram, pelo menos, um episódio de podcast (STATISTA, 2022) - o que coloca o Brasil no terceiro lugar do ranking mundial, atrás apenas da Suécia e Irlanda. Entre os cinco programas nacionais mais ouvidos durante o ano passado, dois são jornalísticos, sendo eles *A Mulher da Casa Abandonada*⁴ e o *Café da Manhã*⁵, ambos produzidos pela *Folha de São Paulo*

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo, evento 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação PUC-Minas, realizado de 04 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos PUCRS, email: fabrine.bartz@edu.pucrs.br

³ Orientador do trabalho. Coordenador e professor de jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos PUCRS, e-mail: deivison.campos@pucrs.br

⁴ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=4a8dfc0532004b48>. Acesso em: 22 mar. 2023.

⁵ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxmrxHrHh1lo?si=02a4d0151ef74bc5>.

(SPOTIFY, 2022). Neste contexto, por meio da análise de conteúdo, esta pesquisa adota a perspectiva interseccional para refletir sobre o podcast *Papo de Política*⁶, apresentado pelas jornalistas da Rede Globo Andréia Sadi, Julia Duailibi, Maria Júlia Coutinho e Natuza Nery.

A programação conta com 119 episódios disponíveis em variadas plataformas de conteúdo, incluindo o Spotify e o site próprio da GloboNews. Os episódios *#119: A carta e o isolamento do presidente* e *#91: Sobrevivência eleitoral*, que antecederam as eleições presidenciais do Brasil em 2022, foram selecionados como corpus de análise, levando em consideração a periodicidade - último episódio publicado -, e a participação da jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju. Entre as quatro apresentadoras, Maju Coutinho é a única negra. A escolha do formato podcast para esta análise se deve a dinamicidade de vozes, que se diferencia do rádio tradicional no processo de superação dos estereótipos sociais associados ao gênero (MORALES; FERREIRA, 2022).

CONSTRUINDO A INTERSECCIONALIDADE COMO TEORIA CRÍTICA

Além de diferentes categorias de gênero, raça e classe, a interseccionalidade considera que marcadores como a orientação sexual, a nacionalidade, a capacidade, a etnia e a faixa etária são inter-relacionados e moldam-se mutuamente (COLLINS; BILGE, 2020). Nomeada em 1989, pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade já aparecia em debates sociais nos Estados Unidos na década de 1960 (PEREIRA, 2021). No Brasil, Lélia Gonzalez já mostrava preocupação com a interseccionalidade durante seus discursos nos anos 70 e 80 ao mencionar que as organizações de mulheres excluem as experiências de mulheres negras (CHAVES, 2020).

Para chegar na interseccionalidade como uma prática política e uma ferramenta analítica engajada, houve manifestações de interseccionalidade na própria organização de mulheres negras (CHAVES, 2020). No movimento Black Power, no final da década de 1960, as mulheres negras se engajaram na luta por direitos civis, o que resultou em uma série de outras ações na busca por direitos humanos. No Brasil, a ideia de que gênero, raça e classe não operam separadamente também partiu de mulheres negras (PEREIRA,

Acesso em: 22 mar. 2023.

⁶ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/0VtLrTZ1gOdbgyXyMByLut?si=649c368c5e1a49fa>.

Acesso em: 25 mar. 2023.

2021). Na última década, a "interseccionalidade" passou a ser utilizada, de forma mais complexa, para referir-se não apenas a desigualdades e opressões, mas também à construção de identidades coletivas, laços de solidariedade entre grupos e aos ativismos políticos mobilizados em oposição a processos de subordinação (BIROLI; MIGUEL, 2015).

Como uma teoria crítica em construção, a interseccionalidade permite um panorama conceitual maior que o fornecido pelas teorias sociais, baseadas em marcadores simples. Ao fazer isso, a interseccionalidade também se baseia em projetos feministas, antirracistas, de descolonização e projetos políticos semelhantes, nos quais a resistência teórica está diretamente ligada à práxis (COLLINS, 2022). Quase na mesma linha de pensamento, Akotirene (2019) considera que a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Este último refere-se ao fato de que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe. Dessa forma, dentro e fora da academia, as análises interseccionais são utilizadas para novas perspectivas de discussão e tensionamento para problemas sociais.

A INTERSECCIONALIDADE NO PAPO DE POLÍTICA

Reconhecer a amplitude do contexto atual considerando os novos formatos jornalísticos e o processo de desenvolvimento da interseccionalidade como teoria crítica, é importante para compreender a inserção de pautas sociais no cotidiano a partir de perspectivas e ideias distintas (COLLINS, 2022, p. 209). Assim como toda teoria passível de configurações e reconfigurações, o programa *Papo de Política* também apresenta alterações particulares. Entre elas, a forma com que a interseccionalidade reflete na condução do programa.

Em média, os episódios têm 30 minutos de duração e são apresentados pelas jornalistas Andréia Sadi, Julia Duailibi, Maria Júlia Coutinho (Maju) e Natuza Nery. Além da disponibilidade em plataformas de áudio, às quintas-feiras, o *Papo de Política* é transmitido nos canais da Rede Globo, por meio da GloboNews e GloboPlay. Strano (2020), explica que a ideia de transformar o podcast em um programa de estúdio surgiu antes da pandemia do coronavírus - que obrigou a emissora suspender o projeto e as

gravações do podcast, entre março e outubro de 2020, buscando aumentar o foco na cobertura factual da crise sanitária e humanitária. O programa retomou com o episódio #31: *A corrida eleitoral*, que marca não apenas uma virada de foco para cobertura da campanha das eleições municipais de 2020, mas também o início das transmissões na televisão.

O podcast apresenta um olhar interseccional em sua própria formação, principalmente, a partir de marcadores sociais de gênero e raça. Desde a criação da Rede Globo, o *Papo de Política* é o primeiro programa apresentado unicamente por jornalistas mulheres. Além do gênero, as quatro jornalistas compartilham a mesma classe social, conforme suas falas. No entanto, a participação de Maria Júlia Coutinho torna a diversidade racial também um diferencial do programa, na comparação com outros podcasts de jornalismo político.

Se por um lado a criação do *Papo de Política* também pode ser considerada uma conquista para luta feminista, por outro, cabe refletir sobre os motivos que levaram a emissora a ceder o espaço somente fora da grade do horário nobre gratuito. O *Papo de Política*, embora tenha mais de quatro anos de existência, está disponível apenas em plataformas segmentadas ou pagas, como é o caso da GloboNews, GloboPlay e Spotify. Enquanto a GloboNews lidera no Ibope no ranking geral de audiência da TV paga, com a média de 0,28 ponto, atualmente, 50,7% da população brasileira pertence às classes D e E, com renda mensal domiciliar de até R\$ 2,9 mil (Tendências Consultoria, 2022). Com base nos índices, algumas pesquisas apontam que uma grande quantidade de eleitores de Jair Bolsonaro, pertencente a classes A e B - com a renda mensal superior entre R\$ 7,1 mil e R\$ 22 mil -, assistiram à cobertura da eleição pela GloboNews.

É neste momento, entre uma série de ataques à imprensa e a criação do *Papo de Política*, que surge o jornalismo interseccional. A ideia, defendida por pesquisadores de Ponta Grossa, traz como princípio um jornalismo que não precisa estar, necessariamente, vinculado a portais independentes para possibilitar debates que levam em conta diferentes perspectivas (CABRAL; WOITOWICZ; ROCHA; AMARAL, 2021). Embora não seja de forma explícita, no *Papo de Política*, os reflexos da interseccionalidade também são perceptíveis a partir da abordagem diante alguns marcadores sociais.

Desde agosto de 2022, o programa não foi mais produzido. Embora a emissora e as apresentadoras não tenham anunciado os motivos que levaram a decisão, alguns fatores

apontam indicativos, como, por exemplo, a aplicação da Lei das Eleições (Lei nº 9.504/97), que define as regras para exibição de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão. Considerando a abordagem e a escolha de temas do *Papo de Política*, a regra pode ter afetado diretamente na continuidade da programação. Pois, ela também se aplica para conteúdos veiculados em forma de entrevista, como o caso do programa.

A CARTA E O ISOLAMENTO DO PRESIDENTE

Publicado em agosto de 2022, o último episódio do *Papo de Política*, número 119, trata-se da leitura da carta e do manifesto pela democracia realizado na Universidade de São Paulo (USP), no dia 11 daquele mês. A carta, em defesa dos direitos humanos, foi apresentada como uma reação a uma reunião realizada no dia 18 de julho, no Palácio da Alvorada. Na ocasião, o então presidente Jair Bolsonaro chamou embaixadores estrangeiros para repetir diversas informações falsas sobre as urnas eletrônicas. Além disso, o episódio, apresentado apenas pelas jornalistas Julia Duailibi e Natuza Nery, também tem como temática o isolamento de Bolsonaro durante os meses que antecedem a campanha eleitoral.

Dessa forma, recorreremos a três modos de pensamento relacional dentro da interseccionalidade - a saber da racionalidade, por meio de adição, articulação e da interdependência (COLLINS, 2020, p. 30). Em 36 minutos, a primeira - e única - vez que as jornalistas Julia Duailibi e Natuza Nery citam diretamente fatores sociais relacionados com a raça, refere-se ao momento de abertura do episódio (1'39"). Na ocasião, as apresentadoras mencionam quem era o público presente no ato de leitura da carta em defesa da democracia. É possível identificar a fala, por meio da decupagem.

Diferentemente da questão racial, pautas envolvendo a distinção social entre homens e mulheres aparece, pelo menos, em seis momentos. Embora outros marcadores sociais apareçam ao longo dos dois episódios analisados, o quantitativo (Quadro I) deixa claro que não apenas os episódios, mas o programa como um todo, apresenta características interseccionais com recorte de gênero. O primeiro deles ocorre na abertura do programa (1'36"), no momento da descrição do público presente na Universidade de São Paulo (USP). Na sequência, na repetição da leitura do manifesto, a jornalista Natuza Nery faz uma distinção clara em sua fala ao tratar a população presente como "brasileiros

e brasileiras” (2’24”). Embora de forma sutil, o movimento apresentado pela jornalista evidencia a presença de mulheres em espaços políticos, em oportunidade de exercerem o mesmo direito oferecido aos homens desde as primeiras decisões eleitorais.

O principal destaque em pautas de gênero, no entanto, ocorre quase na metade do programa (16’34”). A jornalista Natuza Nery também menciona o papel da democracia para que mulheres, finalmente, ocupassem cargos significativos dentro das empresas jornalísticas. Em paralelo com o cenário eleitoral, mas dentro da mesma temática, Amaral e Tsutsui (2022), argumentam que o jornalismo político pode ser visto como uma entidade existente desde que a humanidade faz circular informações - o que reforça a necessidade da ampliação de vozes dentro da cobertura do cenário político atual.

Além do protagonismo conquistado pelas mulheres no jornalismo ao longo dos anos, a jornalista Julia Duailibi (18’24”) destaca a importância de Dilma Rousseff ter sido eleita presidente do Brasil. Ao fazer isso, Julia, genuinamente, entra no debate sobre como a categoria gênero interfere diretamente no enquadramento da mídia sobre as mulheres políticas. Isso ocorre porque a imprensa brasileira estabeleceu uma difícil relação com Dilma Rousseff - especialmente a partir de seu segundo mandato, iniciado em 2015, até o julgamento final do impeachment, em agosto de 2016.

O fato mencionado se conecta com o quinto momento em que pautas com viés de gênero são abordadas no episódio 119. Já na reta final (22’24”), Natuza Nery traz para a mesa redonda o trabalho realizado pela jornalista Anna Virginia Balloussier, repórter da Folha de São Paulo no Rio de Janeiro. Neste caso, Natuza conta que Anna realizou uma entrevista com o Coronel Tadeu, um dos apoiadores de Bolsonaro e ex-aluno da USP, no Largo São Francisco - local onde a carta pela democracia foi lida no dia 11 de agosto de 2022. O foco, no entanto, é direcionado para o tratamento que Anna recebe do coronel, ao questioná-lo se, em algum momento, ele foi hostilizado. Na sequência, Natuza também reforça a qualidade do trabalho executado pela colega de profissão. Em paralelo, Julia Duailibi também comenta sobre um perfil, realizado pela própria, sobre a professora Janaina Paschoal, uma das autoras do pedido de impeachment contra a ex-presidente Dilma, na época deputada estadual e candidata ao Senado. Novamente, reforçando o papel exercido pelas mulheres no cenário político brasileiro, embora tenham divergências entre seus ideais.

Com duas menções diretas, a classe aparece como terceiro marcador social mais mencionado durante o episódio 119 do *Papo de Política*. Assim como os outros exemplos já citados, a classe social também aparece como um articulador logo nos primeiros minutos do episódio, na mesma fala sobre o público no Largo São Francisco (1'39"). O que possibilita analisarmos que uma mesma fala pode ou não contar com diferentes marcadores e articuladores sociais, o que contribui para que o programa seja recebido de formas distintas pelo público - apesar de ser praticamente formado por eleitores do Bolsonaro, levando em consideração a audiência da GloboNews.

Ainda na primeira parte do episódio, a jornalista Julia Duailibi menciona (10'42) o segmento econômico como um dos fatores presentes no manifesto, sendo uma das forças responsáveis por isolar o ponto de vista político de Bolsonaro. Diante deste cenário, embora tenha poucas menções diretas, a estrutura social que configura o estado brasileiro, também em termos de audiência, considera um conjunto de arranjos institucionais. Tais fatores são responsáveis por restringir a participação nas esferas de poder de um determinado grupo social, racial e de gênero (BORGES; PASSOS; BRITO, 2021). Logo, a presença de pessoas de baixa renda no ato de leitura da carta à democracia, além de um ato político, trata-se também de uma estratégia do então presidente para as eleições.

De forma distinta aos outros marcadores sociais (gênero, raça, classe e religião), a nacionalidade aparece como uma lembrança e uma vivência da jornalista Natuza Nery. Já na reta final do programa (26'), a apresentadora traz um ditado popular utilizado em sua cidade natal. Ao fazer isso, indiretamente, os ouvintes podem identificar parte de sua história. Os status de cidadania, etnia, nacionalidade e faixa etária, segundo Collins e Bilge (2020), são aspectos mútuos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais.

A diversidade de religiões no país, embora mencionada apenas uma vez durante o episódio, é abordada de forma clara. O momento específico da fala também ocorre na abertura (1'39") e trata-se do público presente no ato de leitura da carta à democracia. Com isso, é perceptível que, neste episódio, a jornalista Natuza Nery foi a responsável por trazer perspectivas interseccionais para a roda de conversa. Ao todo, foram seis falas diretamente conectadas com, ao menos, um dos marcadores sociais refletidos por Collins (2022), na comparação com duas falas da jornalista Julia Duailibi. Esses momentos também se interseccionam criando uma linearidade de posicionamento e pensamento durante o programa.

Quadro 1 - Marcadores sociais perceptíveis durante o episódio #119: *A carta e o isolamento do presidente, do podcast Papo de Política*

RAÇA	GÊNERO	CLASSE	NACIONALIDADE	RELIGIÃO
Abertura do programa. Pessoas presentes no ato de leitura da carta. Natuza Nery (1'39)	Abertura do programa. Pessoas presentes no ato de leitura da carta. Natuza Nery (1'39)	Abertura do programa. Pessoas presentes no ato de leitura da carta. Natuza Nery (1'39)	Na minha terra isso tem nome, esse Santo está querendo reza. Natuza Nery (26')	Abertura do programa. Pessoas presentes no ato de leitura da carta. Natuza Nery (1'39)
	Repetição do manifesto. Brasileiros e brasileiras. Natuza Nery (2'24)	Olhar pelo segmento econômico. Julia Duailibi (10'42)		
	Não apenas eu e você, Júlia, mas nós não existiríamos no Papo de Política se não fosse a democracia. Natuza Nery (16'34)			
	Perfil da professora Janaína Paschoal, uma das autoras do impeachment de Dilma. Júlia Duailibi (18'24)			
	Entrevista do Coronel Tadeu à jornalista Anna Virginia. Natuza Nery (20'29)			
	Coronel Tadeu (homem) não foi hostilizado. Natuza Nery (22'41)			

Fonte: A autora (2023)

SOBREVIVÊNCIA ELEITORAL

Publicado quase um ano antes, em dezembro de 2021, o episódio 91 do *Papo de Política* aborda as ações de Jair Bolsonaro para manter e até mesmo garantir seu eleitorado nas eleições de 2022. Na época, o então presidente reforçou seu discurso contra as medidas sanitárias de proteção e prevenção à Covid-19, além de se manifestar contra o Supremo Tribunal Federal (STF) e reforçar o apoio a bandeiras do segmento evangélico.

Com 32 minutos de duração, o episódio, apresentado por Andréia Sadi, Julia Duailibi e Maria Júlia Coutinho, também fala sobre os desafios para Sérgio Moro conseguir ir além do eleitorado conservador e alcançar a população de baixa renda, público fundamental para a competição eleitoral. Ao final, o *Papo de Política* traz uma

perspectiva sobre os próximos capítulos da crise na Polícia Federal, que, na época, foi intensificada após o processo de extradição do blogueiro Allan dos Santos.

Diferentemente do episódio que aborda a carta à democracia [119], participam da mesa redonda três apresentadoras. Entre elas, Maju, é a única mulher negra. Ao fazer isso, o programa apresenta em sua configuração um segundo marcador social. Segundo Collins (2020), a premissa de que raça, gênero, classe e outros sistemas de poder que se constroem de forma mútua, agora, serve como verdade absoluta na interseccionalidade.

Na comparação com o episódio 119, a questão racial aparece de forma clara, ao menos, o triplo de vezes. O primeiro momento ocorre logo no começo do programa. A jornalista Julia Duailibi menciona (1'41") as pesquisas sobre o eleitorado de Bolsonaro. No entanto, o momento de destaque para pauta racial ocorre quando Maria Julia Coutinho comenta (13'31) que não é possível colocar todo o segmento evangélico na mesma categoria. "Não dá para colocar na mesma lógica, assim como os negros". Ao fazer isso, embora seja um momento breve, Maju abre portas para a reflexão sobre o racismo estrutural existente no país - que idealiza que pessoas negras, como outras pessoas, são afetadas por suas escolhas individuais e, sua condição racial nada tem a ver com a situação socioeconômica (ALMEIDA, 2019).

Além disso, já na reta final do episódio, Andréia Sadi chama atenção (19'44") para a ausência de pessoas negras dentro dos cargos de poder tanto do governo federal quanto da sociedade como um todo. Durante a campanha eleitoral de 2022, o único candidato negro foi Leonardo Péricles, do Unidade Popular (UP), que não disputou o segundo turno. O outro destaque na fala de Julia Duailibi trata-se do reforço de um comentário anteriormente realizado por Maju, também sobre a falta de representatividade em espaços públicos e políticos. Gonzalez (2020, p. 310) exemplifica a questão com base na cultura, porque se constata que toda uma produção se faz em cima da apropriação do trabalho da cultura negra que é evidentemente marginalizada - assim como essa necessidade reforçar o que já foi dito também ocorre no machismo.

Assim como o episódio sobre a carta e o isolamento do presidente, as pautas relacionadas ao gênero também aparecem com mais frequência no programa número 91, na comparação com outros marcadores sociais. Ao todo, sete momentos foram registrados, enquanto no episódio 119 foram seis. Dessa vez, em vez de Dilma Rousseff, o destaque trata-se da pré-candidatura de Simone Tebet para presidência do país. Neste

episódio, a primeira vez que a jornalista Julia Duailibi faz menção ao tema é no momento de abertura do programa (0’30’’).

No decorrer do episódio Simone Tebet é citada também pelas jornalistas Maria Júlia Coutinho e Andréia Sadi. Embora perto do encerramento, Maju comenta (18’06’’) sobre a importância da candidata no cenário eleitoral. No entanto, de acordo com a percepção da jornalista, a população geral e os partidos políticos, visavam a atual ministra do Planejamento e Orçamento do Brasil, Simone Tebet, apenas como uma vice-presidente. Esse cenário reforça a percepção da população de que mulheres não estão capacitadas para cargos de poder. Essa narrativa também vai ao encontro ao estereótipo de que as mulheres estão destinadas a serem mães, cisgêneros e a estarem em uma relação heterossexual (MANO, 2019). Já a jornalista Andréia Sadi reforça (19’44’’) o papel que Simone Tebet representa ao se candidatar como presidente do Brasil.

Além da ministra do Planejamento e Orçamento do Brasil, Simone Tebet, outras pautas diretamente relacionadas ao gênero foram abordadas durante o episódio 91 do *Papo de Política*. Ainda na primeira parte do programa, a jornalista Julia Duailibi comenta (7’09’’) sobre o índice de rejeição ao governo Bolsonaro. De acordo com ela, sete em cada dez mulheres o rejeitam. Apontar o índice de rejeição, consequentemente, faz com que a população repense seu voto nas urnas. Na sequência, o contexto, no qual a política nacional estava inserida, também fez com que Andréia Sadi fizesse uma referência ao relacionamento aberto (9’03’’) - permitindo aos ouvintes uma identificação pessoal com a política na tentativa de facilitar a compreensão dos fatos. Na mesma linha de raciocínio, Maju complementa mencionando o casamento político como um trisal (12’20’’). Dessa forma, dos sete momentos em que pautas de gênero foram citadas diretamente, três foram a partir da perspectiva de Julia Duailibi.

Assim como o episódio 119, a classe social da população aparece apenas em dois momentos durante o programa referente à sobrevivência eleitoral. Ao tratar sobre o eleitorado do ex-presidente Jair Bolsonaro, a jornalista Julia Duailibi menciona (16’31’’) que uma das saídas seria, justamente, buscar a população de baixa renda - assim como buscou o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Além disso, na mesma fala, Duailibi reforça que a população de baixa renda não possui acesso à justiça, porque ela existe para proteção dos ricos. Ao fazer isso, a jornalista trata não apenas do resultado das urnas, mas como esse eleitorado se vê diante a política nacional do país - uma vez que 30,2 milhões

de brasileiros recebem até um salário mínimo por mês (PNAD, 2021). Em contrapartida, Duailibi argumenta que as pesquisas quantitativas indicavam, na época, que tanto Bolsonaro quanto João Dória não fariam um governo destinado para políticas públicas dos mais pobres.

A fala de Júlia Duailibi possibilitou que a jornalista Maria Júlia Coutinho (18'06'') entrasse direto no ponto e mencionasse no que exatamente esse mesmo eleitorado seria afetado. Ou seja, as ações de Dória e Bolsonaro teriam reflexo direto no preço da gasolina, da carne e, consequentemente, o aumento da inflação. Neste momento, percebe-se a intersecção de outro marcador social (gênero), a partir do comentário de Maju sobre a chegada de Simone Tebet como candidata à presidência e como a presença dela pode interferir no cenário econômico do Brasil.

Diferentemente do episódio analisado no capítulo anterior, quando assuntos relacionados à religião apareceram apenas uma vez, no episódio 91, que aborda a sobrevivência de Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral, este articulador aparece em cinco momentos distintos. Com isso, a religião se torna o terceiro marcador social mais mencionado pelas jornalistas Andréia Sadi, Julia Duailibi, Natuza Nery e Maria Júlia Coutinho.

Tal frequência leva em consideração o fato de o eleitorado evangélico ser o maior alvo do ex-presidente Jair Bolsonaro não apenas durante a campanha, mas durante seu mandato nos últimos quatro anos. Logo na abertura (1'), a jornalista Julia Duailibi recorda justamente essa memória. Posteriormente, o assunto é retomado por Andréia Sadi (3'50''), quando a jornalista compara Bolsonaro com seu ex-vice Sérgio Moro e diz que ele deve ciscar muito nesse segmento eleitoral.

Na mesma linha de pensamento da população evangélica, que defende Jair Bolsonaro, Duailibi menciona (12'47'') que o grupo é formado por pessoas homogêneas - de fato, não há uma heterogeneidade, o que significa que são todas iguais no modo de pensar. Ainda no mesmo assunto, a jornalista Maria Júlia Coutinho faz uma brincadeira sarcástica (13'31'') com o eleitorado de Bolsonaro. Já na reta final do programa (15'09), Andréia Sadi comenta sobre a estratégia adotada por Jair Bolsonaro:

Utilizando a perspectiva interseccional adotada por Collins (2022) é possível considerar que, no episódio #91: *Sobrevivência Eleitoral*, esse recurso foi mencionado em maioria por Julia Duailibi. A jornalista esteve presente em ambos os episódios

analisados e, desta vez, obteve destaque em pautas interseccionais. Destas, a maioria (3) apresenta o recorte de gênero. Já as jornalistas Andréia Sadi e Maju utilizam essa perspectiva em cinco momentos cada.

Quadro II - Marcadores sociais perceptíveis durante o episódio #91: Sobrevivência Eleitoral, do podcast *Papo de Política*

RAÇA	GÊNERO	CLASSE	RELIGIÃO
Pesquisa de eleitorado. Julia Duailibi (1'41)	Pré-candidatura de Simone Tebet. Julia Duailibi (0'30)	Avanço no eleitorado mais pobre. Julia Duailibi (16'31)	Eleitorado Evangélico. Julia Duailibi (0'39)
Assim como negros, não dá para colocar todo mundo no mesmo balaio. Maju (13'31)	Três políticos homens e apenas uma mulher. Julia Duailibi (1'41)	O que vai pegar é o preço da gasolina, preço da carne, comida e inflação. Maju (18'06)	Eleitorado Evangélico. Andréia Sadi (3'50)
Ausência de pessoas negras disputando as eleições e falta de diversidade. Andréia Sadi (19'44)	Índice de rejeição ao governo Bolsonaro. Sete em cada dez mulheres o rejeitam. Julia Duailibi (7:09)		Grupo homogêneo. Julia Duailibi (12'47)
	Relacionamento aberto. Andréia Sadi (9:03)		Grupo homogêneo (evangélicos). Uma coisa que crente não perdoa é traição Maju (13'31)
	Casamento político e trisal. Maju (12'20)		Pautas de costume. Dos 153 deputados, 114 são evangélicos. Andréia Sadi (15'09)
	Chegada de Simone Tebet no cenário eleitoral. As pessoas querem ela como vice-presidente. Uma Maju (18'06)		
	Simone Tebet é a primeira mulher na candidatura à presidência. Andréia Sadi (19'44)		

Fonte: Produção própria (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do podcast *Papo de Política* foi possível perceber que a estrutura do programa possui características interseccionais, principalmente, marcadas pelas pautas de gênero, embora o podcast seja realizado fora da programação aberta da emissora e seja direcionado para pessoas da classe alta. A interseccionalidade investiga como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, assim como as experiências individuais cotidianas (COLLINS; BILGE, 2020. p. 244).

Dos dois episódios analisados - #119: *A carta e o isolamento do presidente* e #91: *Sobrevivência eleitoral* -, nota-se que a jornalista Julia Duailibi foi a responsável por trazer não apenas assuntos interseccionais, mas um olhar nessa perspectiva diante assuntos tidos como conservadores dentro da mídia brasileira. Fator que inclui a inserção de mulheres dentro da cobertura política de portais tradicionais, como o G1. Ao todo, dos 28 momentos identificados dentro desta narrativa, oito foram abordados por Julia Duailibi. No entanto, Andréia Sadi, Natuza Nery e Maju Coutinho mencionaram algum viés da interseccionalidade de forma mais direta na mesma quantidade de vezes. Ambas abordam a temática em, pelo menos, quatro momentos ao longo do programa.

Entre as 28 falas destacadas, 13 estão diretamente conectadas ao gênero e quatro a questões de raça. Os dados indicados nos quadros I e II deixam claro que as emissoras, tanto em rede aberta ou fechada, não estão preparadas para tratar a questão racial em patamar de igualdade com o gênero. Embora este último também esteja uma em posição menos favorecida quando comparada a pautas consideradas dentro do estereótipo masculino. Certos temas, segundo Gonzalez (2020. p. 237) não são contemplados devidamente com relação à proposta de democratização porque para os negros, os índios e mulheres jamais houve democracia neste país.

A internet, portanto, assim como suas ferramentas de conteúdo se tornaram um meio acessível para que os negros e outras maiorias minorizadas atuassem na reivindicação do protagonismo de suas próprias histórias (OLIVEIRA; LIMA, 2020). Considerando o campo político do país, é notório o investimento nas oportunidades comunicacionais. No entanto, isso não revela o desinteresse da sociedade contemporânea pelo político. Uma vez que o espetáculo ao redor das eleições presidenciais de 2022 no Brasil parece indicar a emergência de uma nova arena política e, conseqüentemente, midiática (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2009).

O resultado das eleições presidenciais do Brasil, tanto de 2018 quanto de 2022, exemplificam o impacto das mídias e dos canais jornalísticos em canal aberto, independentemente do formato. Questiona-se, no entanto, o impacto do *Papo de Política* adotar uma perspectiva interseccional dentro deste cenário, considerando os índices de audiência e o eleitorado do ex-presidente Jair Bolsonaro. Tal fato ressalta que o jornalismo tem abandonado a velha premissa da imparcialidade e adotado, cada vez mais, a ideia de destacar seu posicionamento diante pautas que ferem os direitos humanos. De

certa forma, o respeito pela igualdade também está previsto no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas.

Embora os episódios #119: *A carta e o isolamento do presidente* e #91: *Sobrevivência eleitoral* apresentem pontos em comum, considerando o cenário político e a dinamicidade de vozes, é perceptível uma mudança na abordagem em temáticas relacionadas a raça. A jornalista Maria Júlia Coutinho, a partir de vivências pessoais, aproxima essa realidade aos ouvintes, por meio de comparações que não poderiam ser feitas pelas demais integrantes do podcast. Além disso, é possível conectar os marcadores sociais tanto de raça quanto de classe, gênero, nacionalidade e religião em outros momentos do programa, incluindo também outros episódios que não estão presentes na análise, mas compõem o *Papo de Política*.

A pesquisa abre ao menos duas possibilidades para a continuidade dos estudos sobre as perspectivas interseccionais no jornalismo. A primeira delas, consiste na análise de como a narrativa interseccional se diferencia entre o *Papo de Política* e o espaço destinado para pauta dentro de uma das rádios ditas como tradicionais. Já a segunda, com a mesma premissa, busca identificar essa perspectiva interseccional nos veículos de radiojornalismo independentes, uma vez que os novos formatos jornalísticos permitem uma amplitude dos marcadores sociais tanto na diversidade de fontes e apresentadores, quanto nas temáticas abordadas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1.ed. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

ALMENARA, Igor. **Spotify revela os artistas mais ouvidos em 2022**. Canaltech, 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/spotify-revela-os-artistas-e-podcasts-mais-ouvidos-em-2022-231347/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

AMARAL, Eloiza; TSUTSUI, Ana Lucia Nishida. **A presença fminina na cobertura política e economia nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S.Paulo (1968 - 1978)**, Paraíba, setembro de 2022. Anais...Paraíba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0811202216032762f5527f6bf98>. Acesso em: 14 Mar. 2023.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. **Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades**. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 20, n. 2,

p. 27–55, 2015. DOI: 10.5433/2176-6665.2015v20n2p27. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24124>. Acesso em: 9 fev. 2023.

BORGES, Juliana Moreira; PASSOS, Daniela Oliveira Ramos; BRITO, José Eustáquio. **Raça, classe e gênero: educação e interseccionalidade pela perspectiva de artigos**. ANPEd. Educação em perspectiva, 2021. DOI: 10.22294/eduperppgeufv.v12i01. Disponível em:
<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/11862/7175>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CABRAL, Lucas Santos Carmo; WOITOWICZ, Karina Janz; ROCHA, Paula Melani; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. **Para pensar um jornalismo interseccional: propostas epistemológicas**. Revista Latino-americana de jornalismo. João Pessoa, v.8, n.2, p. 40-59, jul./dez.2021. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60870>. Acesso em: 2 mai. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: **A interseccionalidade como teoria social crítica**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONCEITUANDO A INTERSECCIONALIDADE. [Locução de]: Priscilla Schneider, Suelen Vieira e Thatiza Curuci. Entrevistada: Marjorie Nogueira Chaves. [S.I]: **Conceituando a interseccionalidade**, set.2020. Podcast. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/5vC4DDWFSCMCCfoFKVCzEy?si=31f44afa4df446f2>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MORALES, Tania; FERREIRA, Léslie. **Mulheres no radiojornalismo**: mapeamento da presença de vozes femininas em programas jornalísticos de rádio. Revista Alterjor, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 111-122, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v26i2p111-122. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/196887>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PEREIRA, B. C. J. **Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade**. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 445–454, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.3.40551. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/40551>. Acesso em: 9 fev. 2023.

STATISTA. Where podcasts are most popular. Share of respondents who listened to podcasts in the last 12 months. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/25847/percentage-of-podcast-listeners-around-the-world/> Acesso em: 25 mar. 2023.